

IAN McEWAN

A balada de Adam Henry

Tradução
Jorio Dauster



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Ian McEwan
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
The Children Act

Capa
Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa
Michal Bryc/ E+/ Getty Images

Preparação
Ciça Caropreso

Revisão
Mariana Zanini
Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

McEwan, Ian

A balada de Adam Henry / Ian McEwan ; tradução Jorio
Dauster. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: The Children Act.
ISBN 978-85-359-2513-5

1. Ficção inglesa I. Título.

14-11226

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

Londres. Sessões do tribunal encerradas havia uma semana. O tempo implacável de junho. Fiona Maye, juíza do Tribunal Superior, em casa na noite de domingo e deitada numa *chaise longue*, olha além de seus pés calçados com meia para o fundo da sala e a vista parcial das estantes embutidas junto à lareira; do lado oposto, perto de uma janela alta, uma pequena litografia de Renoir representando uma mulher no banho, comprada trinta anos atrás por cinquenta libras. Provavelmente falsa. Abaixo da gravura, no centro de uma mesa redonda de nogueira, um vaso azul. Nenhuma recordação de sua origem. Nem de quando pusera flores nele pela última vez. Havia um ano a lareira não era acesa. Gotas de chuva enegrecidas caíam de forma irregular no suporte de ferro da lareira, estalando ao se chocarem com as folhas de jornal amarrotadas que já começavam a amarelar com o passar do tempo. Um tapete Bokhara cobrindo as largas tábuas enceradas. Na margem de seu campo de visão, um piano de cauda curta sobre cujo tampo negro e reluzente se viam fotografias da família em molduras de prata. No chão, ao lado da *chaise longue* e

a seu alcance, o rascunho de uma sentença. E Fiona, deitada de costas, desejando que todas aquelas coisas fossem parar no fundo do mar.

Na sua mão, o segundo copo de uísque com água. Ela estava trêmula depois de uma discussão muito desagradável com o marido. Raramente bebia, mas o Talisker com água da torneira era um bálsamo, e ela pensou que poderia atravessar a sala até o aparador para se servir de um terceiro. Menos uísque, mais água, pois estaria no tribunal amanhã e agora era a juíza de plantão, disponível para atender a qualquer pedido repentino embora ainda estivesse se recuperando. Ele tinha feito uma declaração chocante e lhe imposto um fardo insuportável. Pela primeira vez em anos ela havia de fato gritado, e um tênue eco ainda soava em seus ouvidos. “Seu idiota! Seu idiota de *merda!*” Desde suas visitas alegres a Newcastle, quando adolescente, ela não tinha dito um único palavrão em voz alta, embora alguma palavra possante vez por outra invadisse seus pensamentos quando ouvia uma argumentação interesseira ou uma opinião legal irrelevante.

E então, não muito depois, ofegante com o insulto, disse em voz alta pelo menos duas vezes: “Como você *ousa* me dizer isso?”.

Não chegava a ser uma pergunta, mas ele respondeu calmamente. “Eu preciso. Tenho cinquenta e nove anos. É minha última chance. Ainda não me mostraram nenhuma prova de vida no Além.”

Um comentário presunçoso, e ela ficou sem palavras. Apenas o olhou fixamente, talvez de boca aberta. Agora, deitada na *chaise longue*, lhe ocorreu a resposta: “Cinquenta e nove? Jack, você tem *sessenta!* É patético, é vulgar”.

Na verdade, o que ela havia dito, sem muita convicção, foi: “Isso é ridículo demais!”.

“Fiona, qual foi a última vez que fizemos sexo?”

Quando tinha sido? Ele já havia perguntado isso antes, em

tons que variavam do queixoso ao irritadiço. Mas o passado recente, movimentado demais, é difícil de recordar. A Vara de Família fervilhava com estranhos conflitos, argumentos especiosos, meias verdades íntimas, acusações exóticas. E, como em todos os ramos do direito, pequenas peculiaridades circunstanciais precisavam ser assimiladas rapidamente. Na semana anterior ela ouviu as alegações finais de um casal de judeus, com graus diversos de ortodoxia, que estava se divorciando e disputava a educação das filhas. O rascunho da decisão estava no chão ao lado dela. No dia seguinte, se apresentaria diante dela uma inglesa desesperada, magérrima e pálida, altamente educada, convencida de que, malgrado as garantias dadas pela corte, sua filha estava prestes a ser levada pelo pai, um homem de negócios marroquino e muçulmano praticante, para viver em Rabat, onde ele pretendia se instalar definitivamente. Além disso, disputas rotineiras sobre a residência de crianças, casas, pensões, rendas, heranças. Só as grandes fortunas vinham ao Tribunal Superior. A riqueza em geral não conseguia trazer uma felicidade duradoura. Os pais logo aprendiam o novo vocabulário e os procedimentos legais aplicáveis às crianças, pasmos ao se verem combatendo a pessoa que um dia haviam amado. E, aguardando nos bastidores, meninos e meninas identificados apenas pelo primeiro nome nos documentos constantes dos processos, pequenos Bens e Sarahs, atônitos, se abraçando enquanto os deuses acima deles batalhavam até o amargo fim, indo da Vara de Família para o Tribunal Superior e de lá para o Tribunal de Recursos.

Todo esse sofrimento tinha temas em comum, refletindo a uniformidade dos comportamentos humanos, mas continuava a fasciná-la. Ela acreditava ser capaz de injetar razoabilidade em situações onde não havia mais esperança. De modo geral, acreditava nos preceitos da Lei da Criança. Em momentos de otimismo, considerava esse estatuto um marco importante no progres-

so da civilização, por colocar, num texto legal, as necessidades das crianças acima das de seus pais. Os dias de Fiona Maye eram cheios e à noite, recentemente, se sucediam os jantares, uma comemoração no Middle Temple Hall em homenagem a um colega que se aposentava, um concerto no Kings Place (Schubert, Scriabin), e táxis, metrô, roupas para buscar na lavanderia, a redação de uma carta a fim de arranjar uma escola especial para o filho autista da arrumadeira e, por fim, algumas horas de sono. Onde entrava o sexo? No momento, ela não sabia dizer.

“Eu não costumo anotar.”

Ele estendeu as mãos, encerrando a discussão.

Ela o viu atravessar a sala e se servir de uma dose de uísque, o Talisker que ela estava bebendo. Ultimamente ele parecia mais alto, com movimentos mais ágeis. Enquanto observava suas costas, veio-lhe a fria premonição de que seria rejeitada, a humilhação de ser trocada por uma mulher mais jovem, deixada para trás, inútil e solitária. Ela se perguntou se deveria simplesmente aceitar qualquer coisa que ele quisesse, mas depois rechaçou esse pensamento.

Ele havia caminhado na direção dela com o copo na mão e sem oferecer o Sancerre, como costumava fazer naquela hora.

“O que você quer, Jack?”

“Vou viver esse caso.”

“Você quer se divorciar?”

“Não. Quero que fique tudo igual. Sem falsidades.”

“Não entendo.”

“Entende, sim. Você não me disse certa vez que pessoas casadas por muito tempo acabam tendo vontade de se tornar irmão e irmã? Pois chegamos lá, Fiona. Eu me tornei seu irmão. É acolhedor, carinhoso, e eu te amo, mas antes de morrer quero viver uma grande paixão.”

Interpretando erroneamente o arquejo de surpresa dela como

uma risada, quem sabe como um muxoxo zombeteiro, ele disse ríspido: “Êxtase, quase desmaiando de prazer. Lembra? Quero sentir isso outra vez, mesmo que você não queira. Ou talvez você queira.”

Ela o olhou com uma expressão de descrença.

“É isso aí.”

Foi então que ela recobrou a voz e lhe disse que tipo de idiota ele era. Ela tinha uma forte convicção do que era convencionalmente correto. O fato de que, até onde Fiona sabia, ele sempre lhe fora fiel tornava a proposta ainda mais indecorosa. Ou, se ele a havia enganado antes, tinha feito isso de modo brilhante. Ela já sabia o nome da mulher. Melanie. Bem próximo do nome de um tipo fatal de câncer de pele. Sabia que poderia ser reduzida a pó pelo romance dele com aquela especialista em estatística de vinte e oito anos de idade.

“Se você fizer isso, está tudo terminado entre nós. Simples assim.”

“É uma ameaça?”

“Uma promessa solene.”

A essa altura ela havia recuperado a calma. De fato parecia simples. A hora de propor um casamento aberto era antes da cerimônia e não trinta e cinco anos depois. Arriscar tudo o que tinham para que ele pudesse reviver um prazer sensual! Quando tentou se imaginar querendo algo semelhante para si própria — seu “último êxtase” seria seu primeiro —, só lhe vinham à mente confusão, encontros secretos, desapontamento, chamadas telefônicas em má hora. A dura tarefa de aprender a conviver com alguém novo na cama, inventar novas carícias, todo o fingimento. Ao final, a necessidade de desfazer o nó, o esforço exigido para abrir o jogo e ser sincera. Depois, nada mais como era antes. Não, ela preferia uma vida imperfeita, a que tinha agora.

No entanto, deitada na *chaise longue*, diante dela se ergueu

o insulto em sua verdadeira dimensão, o fato de que Jack estava preparado para pagar por seus prazeres com a infelicidade dela. Impiedoso. Ela o vira seguir em frente à custa de outras pessoas, quase sempre com uma boa razão. Isso era novo. O que teria mudado? Ao se servir do uísque de malte, ele ficara ereto, os pés bem afastados, os dedos da mão livre se movendo ao ritmo de uma canção que só ele ouvia, quem sabe uma canção compartilhada, mas não com ela. Ferindo-a e não ligando para isso — algo novo. Ele sempre fora amável, leal e bondoso. E, como a Vara de Família provava diariamente, a bondade era o ingrediente humano mais essencial. Ela tinha o poder de afastar uma criança de um pai insensível, e às vezes o fazia. Mas afastar a si mesma de um marido insensível? Quando se sentia frágil e solitária? Onde estava o juiz que iria protegê-la?

A autocomiseração nos outros a incomodava, e agora ela se recusava a aceitar isso nela. Melhor tomar um terceiro drinque. Mas só derramou uma dose pequena, adicionou muita água e voltou para a *chaise longue*. Sim, tinha sido o tipo de conversa que ela deveria ter anotado. Importante não se esquecer, avaliar a ofensa cuidadosamente. Quando ameaçara romper o casamento caso ele fosse em frente, Jack apenas se repetira, dizendo outra vez como a amava e sempre amaria, que não queria mudar de vida, que suas necessidades sexuais não atendidas lhe causavam grande infelicidade, que havia aquela oportunidade única que ele desejava aproveitar com o conhecimento dela e, assim esperava, com a concordância dela. Estava falando com toda a franqueza. Poderia ter feito às escondidas, “pelas costas dela”. Pelas costas magras e rancorosas dela.

“Ah”, ela murmurou. “Muito decente de sua parte, Jack.”

“Bom, na verdade...”, ele disse, e não terminou a frase.

Fiona teve a impressão de que ele ia lhe dizer que a relação já havia começado, e ela não suportaria ouvir isso. Nem precisava.

Viu tudo com clareza. Uma bonita especialista em estatística trabalhando com a probabilidade decrescente de que um marido voltasse para a esposa amargurada. Viu uma manhã ensolarada, um banheiro que não conhecia e Jack, ainda com uma musculatura apreciável, vestindo pela cabeça uma camisa de linho branco semiabotoada com seu jeitão impaciente, uma camisa usada sendo jogada na direção da cesta de roupa suja e ficando ali pendurada por uma das mangas antes de escorregar para o chão. Que horrível. Aconteceria, com ou sem sua concordância.

“A resposta é não.” Ela havia usado um tom crescente, tal qual uma professorinha durona. Acrescentou: “O que você esperava que eu dissesse?”.

Ela se sentia impotente e queria que a conversa terminasse. Havia uma decisão a ser finalizada antes do dia seguinte para publicação no *Family Law Reports*. O destino das duas estudantes judias já havia sido decidido na sentença que ela proferira no tribunal, mas ainda precisava trabalhar no texto, a fim de que ele ficasse mais elegante e à prova de qualquer recurso. Do lado de fora, a chuva de verão tamborilava nas janelas; ao longe, mais além da Gray’s Inn Square, os pneus sibilavam no asfalto encharcado. Ele a abandonaria e o mundo seguiria em frente.

Seu rosto tinha endurecido ao dar de ombros e se voltar para sair da sala. Vendo suas costas se afastarem, sentiu o mesmo medo gélido, e o teria chamado de volta não fosse o receio de ser ignorada. Mas o que poderia dizer? Me abrace, me beije, fique com a garota. Ela ouvira os passos dele no vestíbulo, a porta do quarto sendo fechada com firmeza e depois o silêncio invadindo o apartamento, o silêncio e a chuva que havia um mês não parava.

Primeiro os fatos. As duas partes pertenciam aos círculos

fechados da comunidade haredi do norte de Londres, composta de judeus ultraortodoxos. O casamento dos Bernstein havia sido arranjado por seus pais, que não esperavam ser questionados. Arranjado e não forçado, insistiam as duas partes num raro gesto de entendimento. Treze anos depois, todos concordavam — inclusive o mediador, o assistente social e a juíza — que se tratava de um matrimônio impossível de reparar. O casal estava separado. Os dois mal e mal conseguiam cuidar das filhas, Rachel e Nora, que viviam com a mãe e mantinham contatos prolongados com o pai. A ruína do casamento começara nos primeiros anos. Após o nascimento laborioso da segunda menina, a mãe se tornou incapaz de ter outros filhos devido a uma cirurgia radical. Como o pai almejava ardentemente uma grande família, o doloroso distanciamento começou ali. Depois de um período de depressão (prolongado, disse o pai; curto, disse a mãe), ela estudou na Universidade Aberta, obteve uma boa qualificação e iniciou a carreira de professora primária tão logo as filhas entraram para a escola. Essa situação não era bem-vista pelo pai nem por muitos dos parentes. Na comunidade haredi, cujas tradições se mantêm inalteradas há séculos, espera-se que as mulheres criem os filhos (quanto maior o número deles, melhor) e cuidem da casa. Um diploma universitário e um emprego eram extremamente raros. Uma figura de destaque na comunidade serviu como testemunha do pai e confirmou essa informação.

Os homens também não recebiam uma educação primorosa. Desde a adolescência, tinham de dedicar a maior parte do tempo ao estudo da Torá. Em geral, não cursavam a universidade. Em parte por causa disso, muitos haredi possuíam poucos recursos. Mas não os Bernstein, embora isso viria a acontecer depois que acertassem as contas com os advogados. Um avô com participação na patente de uma máquina para descarregar azeitonas havia doado dinheiro ao casal. Eles deveriam gastar tudo o

que possuíam para pagar as advogadas, ambas bem conhecidas pela juíza. Na superfície, a disputa tinha a ver com a educação escolar de Rachel e Nora. Entretanto, o que estava realmente em jogo era o contexto geral da formação das meninas. A luta era pela alma delas.

Os meninos e as meninas haredi eram educados em separado para preservar sua pureza. Roupas da moda, televisão e internet eram proibidas, assim como o convívio com crianças a quem eram permitidas tais distrações. Não se podia entrar em casas onde não fossem obedecidas de modo estrito as regras kosher. Todos os aspectos da existência cotidiana eram totalmente ditados por costumes que vinham de longa data. O problema tivera início com a mãe, que estava rompendo com a comunidade, embora não com o judaísmo. Malgrado as objeções paternas, ela já estava mandando as crianças para uma escola secundária judaica com alunos de ambos os sexos e onde eram permitidas a televisão, a música pop, a internet e o relacionamento com crianças não judias. Ela queria que as meninas ficassem na escola até depois dos dezesseis anos e cursassem uma universidade se quisessem. No seu depoimento por escrito, havia manifestado o desejo de que as filhas conhecessem melhor como viviam as outras pessoas, que fossem socialmente tolerantes, que tivessem a oportunidade de seguir alguma carreira que ela não tivera e, como adultas, fossem autossuficientes do ponto de vista econômico, tendo a chance de encontrar um marido com capacitações profissionais que lhes permitissem ajudar a criar uma família. Ao contrário de seu marido, que dedicava todo o tempo a estudar e ensinava a Torá oito horas por semana sem nenhuma remuneração.

A despeito de toda a razoabilidade de sua posição, Judith Bernstein — rosto pálido e ossudo, cabelo crespo e arruivado contido por um enorme prendedor azul — não era uma presença fácil no tribunal. Seus dedos sardentos e agitados que não cessa-

vam de passar bilhetes para os advogados, os constantes suspiros em surdina, os olhares para o teto e o franzir da boca sempre que os advogados do marido falavam, o remexer impróprio e ruidoso numa grande bolsa de pele de camelo, dali retirando um maço de cigarros e um isqueiro no momento mais tenso de uma longa tarde — sem dúvida objetos provocativos no esquema existencial de seu marido — e os colocando lado a lado, ao alcance para quando a sessão fosse suspensa. Fiona via tudo isso de seu ponto de observação mais elevado, porém fingia não ver.

O depoimento por escrito do sr. Bernstein visava persuadir a juíza de que sua esposa era uma mulher egoísta, com dificuldade de controlar a raiva (na Vara de Família uma acusação comum, frequentemente mútua), que dera as costas a seus votos conjugais e discutia com os pais dele e com os membros da comunidade, afastando as meninas de ambos. Pelo contrário, afirmou Judith do banco de testemunhas, eram seu sogro e sua sogra que se recusavam a ver as crianças até que elas retomassem o antigo padrão de vida, repudiando o mundo moderno, inclusive os meios de comunicação sociais, e a própria Judith mantivesse um lar kosher segundo a concepção deles.

O sr. Julian Bernstein, alto e magro como um dos juncos que haviam ocultado Moisés quando bebê, se curvava sobre os documentos do caso com a expressão de quem pede desculpas, enquanto o advogado acusava sua esposa de ser incapaz de separar suas necessidades das necessidades das crianças. O que ela dizia que elas necessitavam era o que desejava para si própria. Estava arrancando as meninas de um ambiente familiar cálido e seguro, disciplinado mas carinhoso, cujas regras e ritos forneciam respostas a todas as contingências, cuja identidade era clara, seus métodos comprovados no curso do tempo, e cujos membros eram em geral mais felizes e mais realizados que os habitantes do mundo secular e consumista que os cercava — um mundo

que zombava da vida espiritual e cuja cultura de massa denegria as jovens e as mulheres adultas. Suas ambições eram frívolas, seus métodos, desrespeitosos, senão destrutivos. Ela amava muito mais a si mesma do que às meninas.

Ao que Judith respondeu com voz roufenha que nada denegria uma pessoa, menino ou menina, mais do que a negação de uma educação decente e a dignidade de um trabalho honesto; que, ao longo de toda a sua infância e juventude, lhe haviam dito que seu único objetivo na vida era manter uma boa casa para o marido e cuidar dos filhos — e que isso também era um modo de conspurcar seu direito de escolher um objetivo por conta própria. Quando decidiu estudar na Universidade Aberta, enfrentando grandes dificuldades, tinha sido ridicularizada, vista com desprezo e amaldiçoada. Prometera a si própria que as meninas não sofreriam as mesmas limitações.

Os advogados da outra parte concordaram por razões táticas (porque esta era claramente a posição da juíza) que a questão não se restringia aos métodos educacionais. A corte deveria escolher, para benefício das crianças, entre a obediência total à religião ou algo menos rígido. Entre culturas, identidades, estados de espírito, aspirações, conjuntos de relações familiares, definições fundamentais, lealdades básicas, futuros incognoscíveis.

Em tais matérias, havia uma propensão sub-reptícia e inata em prol do status quo, desde que ele parecesse benigno. O rascunho da sentença de Fiona tinha vinte e uma páginas, abrindo-se como um grande leque no chão e esperando que ela pegasse uma página de cada vez para fazer anotações com um lápis de ponta macia.

Nenhum som vindo do quarto, nada além do murmúrio do tráfego deslizando sob a chuva. Ela se sentia magoada por tentar perceber algum ruído feito por ele, a atenção concentrada, prendendo a respiração, à espera do ranger da porta ou de uma tábua do assoalho. Querendo ouvir, temendo ouvir.

Nos círculos dos magistrados, Fiona Maye, mesmo quando ausente, era elogiada por sua prosa incisiva, quase irônica, quase entusiasmada, assim como pelo modo conciso com que expunha a disputa. Durante um almoço, o próprio lorde que presidia o Judiciário havia murmurado a seu companheiro de mesa: “Imparcialidade divina, inteligência diabólica, e ainda é bonita”. Em sua própria opinião, a cada ano ela se aproximava um pouco mais de uma exatidão que alguns poderiam qualificar como pedante, de uma definição inquestionável que um dia poderia ser citada com frequência, como Hoffman no caso *Piglowska* contra *Piglowski*, ou Bingham, ou Ward, ou o indispensável Scarman, todos utilizados por ela naquela primeira página que pendia de seus dedos sem ser lida. Estaria sua vida prestes a mudar? Será que os amigos eruditos, ainda estupefatos, em breve sussurrariam nos almoços no Lincoln’s Hall ou no Middle Temple: Então, ele foi mesmo posto para fora de casa? Para fora do adorável apartamento da Gray’s Inn, onde ela se sentaria sozinha até que finalmente o aluguel, ou o passar dos anos, subindo como a lúgubre maré do Tâmis, também a expulsaria?

De volta ao trabalho. Parte um: “Pano de fundo”. Após algumas observações rotineiras sobre as casas dos pais, sobre onde as crianças residiam e os contatos com o pai, ela descreveu num parágrafo à parte a comunidade *haredi* e como, dentro dela, as práticas religiosas dominavam a vida cotidiana. A distinção entre o que se devia a César e a Deus era inexistente, assim como o era para muçulmanos praticantes. Seu lápis pairou sobre a página. Será que tratar muçulmanos e judeus como iguais não pareceria desnecessário ou provocador, pelo menos para o pai? Somente se ele se revelasse irracional, o que ela achava não ser o caso. Eliminar a frase.

A segunda parte era intitulada “Diferenças morais”. O tribunal estava sendo chamado a escolher uma educação para duas

meninas, a escolher entre valores. E, nesse tipo de caso, de pouco servia apelar para o que era aceitável de modo geral por toda a sociedade. Aqui ela invocava lordes Hoffmann: “Trata-se de julgamentos de valor sobre os quais pessoas razoáveis podem diferir. Como os magistrados também são pessoas, isso significa que é inevitável certo grau de diversidade na aplicação de valores...”.

Na página, refletindo seu gosto crescente pelas digressões serenas e meticulosas, Fiona dedicou várias centenas de palavras à definição de bem-estar, seguida por uma consideração dos padrões a serem alcançados para garanti-lo. Concordeu com lordes Hailsham que bem-estar e felicidade eram termos inseparáveis, abarcando tudo o que se mostrava relevante para o desenvolvimento de uma criança na sua condição de ser humano. Endossou a opinião de Tom Bingham ao aceitar que estava obrigada a assumir uma perspectiva de médio e longo prazo, pois a criança de hoje bem poderia estar viva no século XXI. Citou a passagem de uma sentença proferida por lordes Lindley em 1893 no sentido de que o bem-estar não podia ser avaliado em termos puramente financeiros ou apenas em referência ao conforto físico. Ela se valeria da interpretação mais ampla. O bem-estar e a felicidade deviam incorporar o conceito filosófico de uma vida virtuosa, relacionando alguns ingredientes relevantes, metas que uma criança poderia perseguir: liberdade econômica e moral; virtude, compaixão e altruísmo; um trabalho satisfatório a exigir empenho na solução de problemas; uma rede florescente de relações pessoais; a conquista da estima de seus pares; e a busca por significados maiores para sua existência, assim como manter, ocupando lugar central em sua vida, um ou alguns poucos relacionamentos importantes definidos acima de tudo pelo amor.

Sim, neste último elemento essencial ela estava fracassando. O uísque com água a seu lado permanecia intocado: a visão daquele amarelo-urina e seu cheiro agressivo de cortiça agora a repe-

liam. Ela deveria estar mais irritada, deveria estar conversando com algum velho amigo — e tinha vários —, deveria caminhar com passo firme para o quarto a fim de exigir maiores esclarecimentos. Mas se sentia reduzida a um ponto geométrico feito de pura ansiedade. A sentença precisava estar pronta para ser publicada no dia seguinte na hora aprazada, ela tinha de trabalhar. Sua vida particular não era nada. Ou deveria ter sido. Sua atenção continuava dividida entre a página que segurava e, a quinze metros de distância, a porta fechada do quarto. Obrigou-se a ler um longo parágrafo sobre o qual tinha dúvidas desde que o lera em voz alta no tribunal. Mas não havia mal algum numa afirmação robusta do óbvio. O bem-estar era *social*. A complexa teia das relações de uma criança com a família e os amigos constituía o ingrediente crucial. Nenhuma criança era uma ilha. O homem como animal social, na famosa frase de Aristóteles. Com quatrocentas palavras sobre esse tema, ela se lançou ao mar, as referências eruditas (Adam Smith, John Stuart Mill) enfunando as velas de Fiona. O tipo de alcance humanista que toda boa sentença exige.

Prosseguindo, era dito que o bem-estar constitui um conceito *mutável*, a ser avaliado segundo os padrões atuais de um homem ou mulher razoáveis. O que era suficiente uma geração atrás, poderia não ser bastante hoje. Além do mais, não cabia a um tribunal secular decidir sobre crenças religiosas ou diferenças teológicas. Todas as religiões mereciam respeito desde que, segundo lordes Purcha, fossem “legal e socialmente aceitáveis”, e não, na formulação mais sombria de lordes Scarman, “imorais ou socialmente ofensivas”.

Os tribunais deveriam se mostrar cuidadosos ao intervir a favor das crianças caso isso contrariasse os princípios religiosos dos pais. Às vezes a intervenção seria necessária. Mas quando? Em resposta, ela invocou um de seus favoritos, o sábio lordes Munby

do Tribunal de Recursos. “A infinita variedade da condição humana impede qualquer definição arbitrária.” O toque admirável de Shakespeare: *nem o hábito estiola sua variedade infinita*. As palavras a tiraram dos trilhos. Ela sabia de cor a fala de Enobarbus, tendo certa vez interpretado esse papel como estudante de direito, uma encenação só de mulheres num gramado no Lincoln’s Inn Fields durante uma ensolarada tarde de verão. Pouco depois de ter sido retirado de suas costas doloridas o fardo dos exames para ser admitida como advogada. Por volta dessa época, Jack se apaixonara por ela e, não muito tempo depois, ela por ele. A primeira relação sexual entre os dois ocorreu num quarto de sótão que alguém lhes emprestara, tórrido sob o teto banhado pelo sol da tarde. Uma portinhola que não abria dava para leste, mostrando uma fatia do Tâmisa na direção do Pool de Londres.

Ela refletiu sobre a amante presente ou futura dele, Melanie, a especialista em estatística que encontrara uma única vez — uma jovem silenciosa, com pesadas contas de âmbar e clara preferência por sapatos de salto alto e fino capazes de destruir qualquer assoalho antigo de tábuas de carvalho. *Outras mulheres saciam/ Os apetites que satisfazem, mas ela cria fome/ Daquilo que mais pode prover*. Podia ser simplesmente isso, uma obsessão doentia, um vício que o afastasse de casa, o entortasse, consumindo tudo o que compartilhavam em matéria de passado e de futuro, como também de presente. Ou Melanie pertencia, como era sem dúvida o caso de Fiona, às “outras mulheres”, as que saciam, e ele voltaria depois de duas semanas, o apetite aplacado, fazendo planos para as férias da família.

Insuportável de um modo ou de outro.

Insuportável e fascinante. E irrelevante. Ela se forçou a retornar às páginas, ao resumo dos argumentos oferecidos por ambas as partes — um sumário eficiente, com uma dose satisfatória de compaixão controlada. Vinha a seguir seu relato acerca do rela-

tório da assistente social designada pela corte. Mulher gorducha e bem-intencionada, frequentemente ofegante, cabelo despen-teado, blusa desabotoada e para fora da saia. Caótica, duas vezes atrasada para as sessões devido a algum problema complicado com as chaves do carro, documentos trancados no automóvel e uma criança a ser apanhada na escola. No entanto, em vez do blá-blá-blá para satisfazer as duas partes, seu relato era bem fundado, até mesmo incisivo, e Fiona o citou de forma positiva. O que vinha depois?

Levantou os olhos e viu o marido no outro lado da sala servindo-se de mais um drinque, um bem grandinho, três dedos, talvez quatro. E descalço, como quando ele, um professor boêmio, muitas vezes ficava em casa no verão. Daí ter chegado sem se fazer ouvir. Provavelmente tinha ficado deitado na cama, contemplando por meia hora os arabescos nos frisos de gesso do teto, refletindo sobre a irracionalidade de Fiona. A tensão dos ombros encurvados, o modo como enfiou de volta a rolha — um golpe seco com a ponta do polegar — sugeriam que ele tinha caminhado até ali em silêncio para ter uma discussão. Ela conhecia os sinais.

Jack deu meia-volta e se aproximou dela com a bebida, sem ter posto uma gota de água no copo. As meninas judias, Rachel e Nora, teriam de pairar acima e atrás de Fiona como anjos cristãos, aguardando um pouco mais. O deus secular delas também tinha seus problemas. Do ponto mais baixo em que se encontrava, ela tinha uma boa visão das unhas do pé dele — cuidadosamente aparadas, meias-luas jovens e reluzentes, nenhum indício das manchas de fungos que conspiravam os pés dela. Ele se mantinha em forma jogando tênis com os colegas e se exercitando com pesos no escritório, que procurava levantar cem vezes ao longo de cada dia. Ela não fazia mais do que carregar sua pesada pasta de documentos nas dependências do tribunal e levá-la até

seu gabinete subindo pelas escadas em vez de pegar o elevador. Ele era bonito de uma forma desorganizada, um queixo quadrado mas assimétrico, uma expressão audaciosa em que os dentes ficavam visíveis e encantava os alunos, surpresos pela aparência algo dissoluta de um professor de história antiga. Fiona nunca imaginou que ele pudesse encostar um dedo nas alunas. Agora tudo parecia diferente. Talvez, malgrado seu envolvimento de toda uma vida com as fraquezas humanas, ela tivesse se mantido inocente, excluindo negligentemente a si própria e a Jack da condição geral. O único livro que ele escrevera para um público não erudito, uma biografia vívida de Júlio César, o tinha feito quase famoso de um modo respeitável e em nada espalhafatoso. Uma secundaristazinha atrevida poderia ter se jogado nos braços dele de forma irresistível. Havia, ou costumava haver, um sofá em seu escritório. Bem como uma tabuleta que dizia *Ne Pas Dé-ranger* levada do Hôtel de Crillon ao fim da distante lua de mel deles. Esses eram pensamentos novos, era assim que o verme da suspeita infestava o passado.

Ele se sentou na cadeira mais próxima. “Você não pôde responder à minha pergunta, por isso vou te dizer. Já se passaram sete semanas e um dia. Você, honestamente, está satisfeita com isso?”

Ela disse com serenidade: “Você já está tendo esse caso?”

Ele sabia que era melhor responder a uma pergunta difícil com outra pergunta. “Você acha que está velha demais? É isso?”

Ela disse: “Porque, se já estiver, gostaria que fizesse as malas e saísse agora”.

Um gesto que a feria diretamente, sem premeditação, trocando sua torre pelo bispo dele, loucura total e sem volta. Se ele ficasse, humilhação; se partisse, o abismo.

Ele se instalava na cadeira dele, um móvel de madeira e couro enfeitado com tachas de metal que o faziam lembrar um instrumento medieval de tortura. Ela nunca gostara do gótico vi-

toriano, muito menos agora. Jack cruzou o tornozelo sobre o joelho, a cabeça inclinada enquanto a olhava com uma expressão de pena ou condescendência, e ela afastou o rosto. Sete semanas e um dia também tinha um quê de medieval, como uma sentença proferida pela corte criminal itinerante. Preocupava Fiona a possibilidade de que ela pudesse ter alguma culpa no cartório. Eles tinham mantido uma vida sexual decente por muitos anos, regular e vigorosamente simples: nas primeiras horas da manhã ao acordarem nos dias úteis, antes que as ofuscantes preocupações da jornada de trabalho penetrassem as pesadas cortinas do quarto. Nos fins de semana à tarde, algumas vezes depois de um jogo de tênis, duplas mistas na Mecklenburgh Square. Apagando todas as reclamações pelas pixotadas do parceiro. Na verdade, uma vida amorosa bastante prazerosa, além de funcional, por conduzi-los suavemente ao resto de suas existências sem precisar jamais ser discutida, o que constituía uma de suas alegrias. Não tinham nem um vocabulário próprio para defini-la — uma das razões pela qual a magoava ouvi-lo mencionar aquilo agora e por mal ter notado o lento declínio do ardor e da frequência.

Mas ela sempre o amara, sempre fora afetuosa, leal, dedicada. No ano passado havia cuidado dele carinhosamente quando quebrara a perna e o pulso em Méribel durante uma ridícula corrida montanha abaixo contra velhos colegas de escola. Ela lhe dera prazer, montara em cima dele — lembrava-se agora — em meio ao alvo esplendor do gesso. Ela não sabia como se referir a essas coisas em sua própria defesa e, além disso, esse não era o terreno no qual estava sendo atacada. Não era devoção que lhe faltava, e sim paixão.

E também havia a idade. Não a deterioração total, ainda não, mas seus primeiros indícios começavam a transparecer, assim como sob determinada luz é possível vislumbrar o adulto no rosto de um menino de dez anos. Se, esparramado à sua frente, Jack pa-

recia absurdo durante aquela conversa, muito mais ela lhe pareceria. Os pelos brancos do peito dele, dos quais ele se orgulhava muito, se encaracolavam acima do botão da camisa com o único propósito de declarar que não eram mais negros; o cabelo, como de costume se tornando mais ralo no alto como o de um monge, era deixado comprido num esforço de compensação pouco convincente; as pernas menos musculosas já não preenchiam de todo o jeans, e os olhos, com uma leve sugestão de vazío no futuro, refletiam o encovado das faces. Diante disso, que tal os tornozelos dela engrossando numa resposta sedutora, as nádegas se inflando como nuvens no verão, a cintura se dilatando enquanto as gengivas se retraíam? Tudo isso ainda em milímetros paranoicos. Muito pior, a ofensa especial que os anos reservam a certas mulheres, quando os cantos da boca começam a cair, gerando uma expressão de constante reprovação. Muito adequada a uma juíza que usava peruca e franzia a testa para um advogado do alto de seu trono. Mas a uma amante?

E ei-los ali, como adolescentes, se preparando para discutir a causa de Eros.

Taticamente astucioso, Jack ignorou o ultimato dela, dizendo: “Não acho que devíamos desistir, não é mesmo?”.

“É você quem está se afastando.”

“Acho que também cabe a você uma parte disso.”

“Não sou eu quem está se preparando para destruir nosso casamento.”

“É você quem diz isso.”

Ele falou em tom razoável, projetando as cinco palavras bem no fundo das dúvidas de Fiona, adaptando-as à propensão que ela tinha de acreditar que, num conflito tão embaraçoso como aquele, os erros seriam provavelmente seus.

Ele tomou um gole cauteloso de uísque. Não ia ficar bêbado a fim de afirmar suas necessidades. Seria sério e racional,

quando ela preferiria que Jack confessasse seus erros em alto e bom som.

Olhando no fundo dos olhos de Fiona, ele disse: “Você sabe que eu te amo”.

“Mas gostaria de alguém mais jovem.”

“Gostaria de ter uma vida sexual.”

Sua oportunidade de fazer promessas ternas, atraí-lo de volta, se desculpar por ter andado muito ocupada, cansada ou indisponível. Mas ela desviou o olhar e nada disse. Não ia se dedicar sob pressão a reviver uma vida sensual que no momento não lhe apetecia. Sobretudo quando acreditava que o caso já havia começado. Ele não se dera ao trabalho de negá-lo. E ela não iria perguntar de novo. Não era só uma questão de orgulho. Ela temia ainda sua resposta.

“Bem”, ele disse após uma longa pausa. “Você não gostaria?”

“Não com esse revólver apontado para a minha cabeça.”

“O que você quer dizer com isso?”

“Ou eu tomo jeito, ou você vai para Melanie.”

Ela pressupunha que, embora compreendendo perfeitamente o que havia sido dito, ele desejava ouvi-la pronunciar o nome da mulher, coisa que Fiona jamais fizera em voz alta. Isso provocou um tremor ou uma contração dos músculos do rosto dele, um incontrolável sinal de excitação. Ou então se devia à frase sem rebuços, o “vai para”. Será que ela já o tinha perdido? Sentiu-se repentinamente tonta, como se sua pressão tivesse caído e em seguida disparado para cima. Endireitou o corpo na *chaise longue*, depositando no chão a página da sentença ainda em sua mão.

“Não é bem assim”, ele dizia. “Olhe, encare isso pelo avesso. Suponha que você estivesse no meu lugar e eu no seu. O que você faria?”

“Não iria arranjar um homem e depois abrir negociações com você.”